

A Mulher Atrás da Letra K...

*Douglas Nassif Cardoso**

RESUMO

Sarah Poulton Kalley é reconhecida nos diversos protestantismos tradicionais do Brasil como autora de hinos e pela organização e compilação do hinário "Salmos e Hinos". Sua identidade foi eclipsada nos textos históricos pela vida e obra de seu marido, o médico e missionário escocês Robert Reid Kalley. Este ensaio procura dar visibilidade a esta mulher, recuperando parte de sua memória.

Palavras-chave: biografia – história de mulheres – microhistória – gênero.

Introdução

No ano passado comemoramos 140 anos do lançamento da primeira edição de *SALMOS E HINOS*, o hinário protestante em português mais antigo do Brasil. A produção deste hinário, o mais antigo em língua portuguesa, deve-se, principalmente, à dedicação e talento de Sarah Poulton Kalley (doravante chamada Sarah) esposa do médico-missionário escocês Robert Reid Kalley. Podemos constatar esta realidade comparando a produção de hinos do casal Kalley: Sarah é

responsável por 169 títulos, enquanto Kalley produziu 13 títulos. Uma diferença exponencial¹. Sua coletânea é extremamente rica, contemplando diversas tradições protestantes (inglesas, escocesas, alemãs, americanas), inclusive algumas preciosidades: o hino 295, de Estevão, o sabaíta (725-744); hino 116, de Venâncio Fortunato (530-609); hino 115, de João Damasceno (-780); hino 108, de Bernardo de Claraval (1091- 1153); hino 69, de Francisco de Assis (1182-1226).

Sarah é conhecida em quase todos os segmentos do protestantismo do Brasil devido à organização e compilação de *Salmos e Hinos*. Apesar desta notoriedade, Sarah continua sendo uma pessoa enigmática, de quem possuímos poucos dados biográficos² e tampouco temos uma análise específica de sua hinódia. Ainda existe um profundo silêncio sobre a mulher Sarah e sua obra, sua discrição era tal que assinava seus hinos, juntamente com seu esposo, somente com a letra K.

Esboçando uma História³

Sarah nasceu no dia 25 de maio de 1825, em Nottingham, Inglaterra. Era filha de William Wilson (1801-1866) e Sarah Morley (1802-1825). Sua família era descendente dos huguenotes, cristãos reformados franceses dos séculos XVI e XVII. Sua mãe, Sarah Morley, trazia no nome o indicativo da cidade de origem, Morlaix, na França, tendo a marca de profunda piedade. Ficou órfã de sua mãe quatro dias após seu nas-

1. (13² = 169).

2. A Igreja Evangélica Fluminense editou um livro biográfico sobre Robert Reid Kalley e Sarah Poulton Kalley, *Heróis da Fé Congregacionais*, escrito por Ismael da Silva Júnior em 1972, o livro possui 79 páginas, 7 são dedicadas a Sarah, segundo o autor para evitar repetições, tendo em vista que "O trabalho de Dr. Kalley e o de sua esposa, D. Sara, têm muita coisa em comum"[sic]. O apêndice, também sobre Kalley, é maior que a biografia de Sarah, possui 9 p.!

3 MONTEIRO, Esther Marques Um Retrato de Mulher (Sarah Poulton Kalley). In: *Revista Cristã*, 3º trimestre de 1998, União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil (UIECB), Rio de Janeiro, RJ, PASSIM.

* Douglas Nassif Cardoso é professor de História e Teologia. Mestre e doutorando em Ciências da Religião (UMESP); membro do GIPESP (Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Sociologia do Protestantismo); membro do Comitê Executivo da AETAL (Associação Evangélica de Educação Teológica na América Latina); e autor do livro *Robert Reid Kalley: Médico, Missionário e Profeta*.

cimento. Desconfiamos que a experiência deste luto provocou um sentimento de angústia existencial em Sarah. Para resolver esta situação, uma das alternativas de quem a sofre passa a ser a sublimação⁴, ou seja, o exercício de atividades que deslocam o foco pessoal para um novo objetivo, normalmente incluído na área das artes ou da investigação intelectual. A nossa suspeita é que Sarah tenha sublimado a perda traumática da mãe através da atividade artística. Sarah recebeu aprimorada educação com ênfase na parte artística, tornando-se exímia pianista, pintora e poetisa. Seu desenvolvimento acadêmico sempre foi excelente, especializando-se no estudo de idiomas, tornando-se poliglota, especialista nas línguas francesa e alemã.

Durante sua infância, alternava sua residência na casa de seu pai, em Nottingham, e de parentes de sua mãe, residentes em Londres. Esta troca constante de ambientes permitiu a Sarah uma forma diferenciada de percepção de mundo. Seu pai contraiu novas núpcias com Eliza Read e tiveram filhos. O estado de saúde precário de Eliza fez com que a família se mudasse de Nottingham para Torquay. Atingindo a mocidade, dirigia classe de escola bíblica dominical para rapazes, além de iniciar e dirigir um curso noturno que objetivava dar conhecimentos gerais aos jovens que trabalhavam durante o dia. Se na sociedade puritana inglesa do século XIX era extraordinário uma jovem ministrar na igreja à rapazes, quanto mais lecionar secularmente, a noite, para um grupo de rapazes pertencentes a outro segmento social.

4. LAPLANCHE, J. E. ; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. Livraria Martins Fontes Editora Ltda.: São Paulo, SP, 1997, p. 495 (verbetes sublimação: Processo postulado por Freud para explicar atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. Freud descreveu como atividades de sublimação principalmente atividade artística e a investigação intelectual. Diz-se que a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo objetivo não sexual e em que visa objetos socialmente valorizados).

Pertencia a família de influência na sociedade inglesa, seu pai era proprietário de importante indústria têxtil, e seu tio, Samuel Morley, destacado membro do Parlamento. Sua família era profundamente religiosa. Seu pai era superintendente da escola bíblica dominical e membro atuante da Igreja Congregacional de Torquay. Na instalação de um novo templo desta igreja, construído por seu pai, compôs e dirigiu um hino alusivo à inauguração.

A casa de Sarah hospedava diversos missionários transculturais. Seu contato com estes missionários desafiou-a a desenvolver uma oficina de costura e de trabalhos manuais que eram encaminhados para os diversos campos de missão. Sua vida sempre foi marcada pelo pioneirismo e criatividade.

No início de 1852, viajou para Beirute, junto de seu pai e de seu irmão Henry, para acompanhar o estado de saúde de seu irmão Cecil, que sofria de tuberculose. Na Síria, encontraram-se com Kalley que, em setembro de 1851, houvera perdido a esposa Margareth, também de tuberculose. A fama de Kalley como médico incentivou William Wilson a consultá-lo. Após metucioso exame, o médico informou que o grau da doença estava muito avançado e de nada valeriam mudanças quer climáticas, quer terapêuticas. Decorridas algumas semanas desse diagnóstico, Cecil Wilson veio a falecer, sendo enterrado no Cemitério dos Estrangeiros, em Beirute, mesmo local onde fora enterrada Margareth Kalley.

Kalley ficou muito impressionado com a filha de Mr. Wilson, liberando-se de seus compromissos médicos e missionários na Palestina (fundara igreja evangélica independente na cidade de Safed) para acompanhá-los até a Inglaterra. A aproximação circunstancial de Kalley e Sarah, em Beirute, permitiu que se desenvolvesse um relacionamento afetivo entre ambos, que redundou em casamento no dia 14 de dezembro de 1852, realizado na Igreja Congregacional de Torquay. Curiosamente, a notícia do casamento surpreendeu aos amigos de Sarah, pois esta afirmava a firme

intenção de não se casar com ministros ou médicos. Este fato, a princípio apontado de forma marginal em sua biografia é revelador de uma personalidade forte, que traça planos para si, mesmo que os altere posteriormente.

Sarah, que gostava de ouvir histórias e de ajudar missionários, passaria a ter, com seu casamento, um projeto de envolvimento com missões. Kalley era famoso como missionário em todo império britânico, devido sua estada na Ilha da Madeira. Sua forma de ministério revolucionária, totalmente independente, desvinculado de igrejas e agências missionárias deve ter exercido fascínio sobre Sarah.

No período de 1853 a 1854, o casal Kalley começou a missionar, indo para os Estados Unidos, especificamente nas colônias de madeireiros das cidades de Springfield e Jacksonville. Sarah exerceu, durante este período, ministérios voltados à área do ensino, da música e do aconselhamento. A postura de Sarah era ambígua, por um lado trazia dentro de si a questão de gênero, que a colocava como auxiliadora de Kalley – uma sombra que perdia inclusive o nome, passando a ser a Sra. Kalley – de outro a mulher criativa e original que ensinava a Bíblia, as músicas e aconselhava homens e mulheres.

O casal Kalley, influenciado pelo livro de Daniel Parrish Kidder, *Sketches of Residence and Travel in Brazil*, resolveu fazer missões no Brasil. Em 9 de abril de 1855, partiram com destino ao Rio de Janeiro. Nesta singela delegação missionária, Sarah, congregacional inglesa de Torquay, representava, por sua hereditariedade, uma segunda tentativa de invasão huguenote no Rio de Janeiro, quase trezentos anos após Pedro Richier celebrar o primeiro culto (10/03/1557).

O ministério de Sarah no Brasil foi altamente criativo, estabelecendo a primeira escola bíblica dominical permanente em português, cujo método dominava e nunca havia sido aplicado por Kalley, nem na Ilha da Madeira, nem no Rio de Janeiro. Fundou a primeira sociedade de senhoras de igrejas protestantes, segundo correspon-

dência particular com sua tia Lydia Morley, após esperar a presença de mulheres que desafiassem a tradição de as brasileiras não saírem sozinhas à rua, num ato de rebeldia aos costumes da época. Iniciou um culto infantil paralelo ao culto dos adultos na Igreja Evangélica Fluminense. Criou, à semelhança do que tivera na Inglaterra, uma escola noturna de história e geografia, objetivando alcançar os membros da igreja que trabalhavam durante o dia. Formou a primeira classe de música que foi a base do primeiro coral em português do Brasil. Escreveu o livro *Alegria da Casa* para orientação de moças e que foi posteriormente, adotado pelas escolas públicas da corte. Traduziu alguns livros que foram publicados: *Vida de João Bunyan*, *Guerras da Famosa Cidade* e *O Sábio*. Escrevia os esboços das mensagens dos sermões dos presbíteros, sendo que, nas ocasiões de enfermidade de seu esposo, substituía-o no preparo de suas cartas e de suas mensagens. Controlava pessoalmente todo o ministério de colportagem do Rio de Janeiro, orientando o proceder dos colportores, em sua maior parte composto de presbíteros da igreja, designando inclusive o planejamento estratégico (aonde ir), a parte ética (aconselhamento), a orientação doutrinária e evangelística. Examinava candidatos ao batismo, certificando o preparo para receber o sacramento.

A personalidade forte de Sarah, provavelmente, influenciou na aceitação de Kalley do ministério feminino. Em diversas ocasiões notamos em suas notas atitudes personalistas, quando não se deixava convencer por Kalley, fazendo prevalecer sua opinião:

Robert resolveu ir à Praia Grande e quis persuadir-me a não acompanhá-lo. Todavia eu fui também e levei o Manuel "grande". Foi direito o que fiz (andei muito bem), pois, estando ele ao lado do doutor, impediu que o mesmo fosse assaltado.⁵

5. ROCHA, J. G. da. *Lembranças do Passado*. Vol. I, p. 331-2.

As marcas da contribuição dos seus hinos à teologia dos diversos protestantismos do Brasil podem ser aquilatadas em texto de Antônio Gouvêa Mendonça:⁶

Não é exagero dizer que a teologia dos Kalley dominou e domina até hoje o protestantismo de origem missionária no Brasil, principalmente através de Salmos e Hinos, hinário tradicional ainda em uso em diversas denominações.

Falta na historiografia protestante latino-americana um texto que descubra esta mulher ainda desconhecida, escondida sob a letra *K* de seus hinos. Temos sido desafiados a romper seu silêncio, descobrir seus segredos, e, quem sabe, resgatar à memória parte da vida e ministérios da primeira mulher líder do Protestantismo no Brasil.

Bibliografia

- LAPLANCHE, J. E. ; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. Livraria Martins Fontes Editora Ltda.: São Paulo, SP, 1997, p. 495
- MENDONÇA, A G. & VELASQUES FILHO, P. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Loyola, 1990.
- MONTEIRO, Esther Marques. Um Retrato de Mulher (Sarah Poulton Kalley). In: *Revista Cristã*, 3º trimestre de 1998, União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil (UIECB), Rio de Janeiro, RJ, PASSIM.
- ROCHA, J. G. da. *Lembranças do Passado*. Vol. I, p. 331-2.
- SILVA JUNIOR, Ismael da. *Heróis da Fé Congregacionais*. 1972. 79 p.

6. MENDONÇA, A G. & VELASQUES FILHO, P. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola. 1990.